

RESPONDE AGORA A UMA NOVA SEDUÇÃO

Possíveis Rastos de António Aragão na Criação de Herbert Vianna

AURORA ALMEIDA DE MIRANDA LEÃO

Universidade Federal de Juiz de Fora

DOI: 10.34640/universidademadeira2022leao

Resumo: Esta análise tem como objeto três obras experimentais de António Aragão e a canção “Navegar impreciso”, do compositor Herbert Vianna, de cujos versos extraímos o título deste artigo. Coube-nos avistar uma rica dialogia entre alguns versos do poeta português e a expressão musical do compositor brasileiro, cujo foco está no disco *Severino* (1994), que não teve boa aceitação da crítica quando lançado, mas hoje é considerado um dos mais importantes trabalhos da banda liderada pelo nordestino. A partir do título da música, percebemos uma polifonia (BAKHTIN, 2010), a unir Fernando Pessoa, Aragão, Vianna e Caetano Veloso. Guiada pela pergunta “De que modo é possível identificar analogias entre a poesia de Aragão e a música de Herbert Vianna?”, propomos uma análise em quatro tópicos: primeiro, evidenciar o experimentalismo que perpassa nossos objetos; depois, a inclinação vanguardista, que enfeixa a inseparabilidade entre palavra e imagem; em seguida, apontamos a Análise Discursiva de Imaginários (MACHADO, 2012), objetivando entender como o exercício criativo de Aragão e Vianna abre espaço para o novo, dialoga com diversas temporalidades e destaca questões sociais; e por fim, concluimos haver novas estesias a partir dos inventivos ambientes, afirmativas do valor do experimentalismo, creditando ao leitor/ouvinte o livre engendrar de suas próprias sinestesias.

Palavras-chave: *Navegar impreciso*; António Aragão; Herbert Vianna; Poesia Experimental; Música.

Abstract: This analysis focuses on three experimental works conducted by António Aragão and the song “Navegar Impreciso”, composed by Herbert Vianna, from whose verses we extract the title of this article. It is possible to emphasize a rich dialog between some verses of the Portuguese poet and the musical expression of the Brazilian composer on the album *Severino* (1994). The album, which did not receive positive reviews from the critics, is now considered one of the most important works of the band led by the northeastern. From the title of the song, we observe a polyphony (BAKHTIN, 2010), uniting Fernando Pessoa, Aragão, Vianna and Caetano Veloso. Dealing with the question “How is it possible to identify analogies between the poetry of Aragão and the music of Herbert Vianna?”, we propose an analysis divided into four main topics: first, we will discuss the experimentalism that permeates our objects; then, the avant-garde inclination, which bundles the inseparability between word and image; then, we will point out the Discursive Analysis of the Imaginary (MACHADO, 2012), aiming to understand how the creative exercise of both artists opens space for innovation, dialoguing with different temporalities and highlighting social issues; finally, we conclude that there are new aesthesias from inventive environments, crediting the reader/listener with the free engendering of their synesthesias.

Keywords: *Navegar impreciso*; António Aragão; Herbert Vianna; Experimental poetry; Song.



RESPONDE AGORA A UMA NOVA SEDUÇÃO

Introdução

Quando pensamos em arte e cultura é comum que nos aflorem imagens, sensações e sentimentos. A par disso, se evocamos algum nome como o do poeta António Aragão, ainda outros significados podem ser agregados, tanto pela via histórica como também pela trilha da releitura, porquanto uma obra é tanto mais rica quanto mais releituras possibilite. No caso de Aragão, entretanto, envergamos a possibilidade de reinterpretação imersa na própria abertura fornecida pela obra do artista português, capaz de conduzir a múltiplas leituras, fruições, imaginários possíveis.

A inspiração para enveredar por este estudo partiu do próprio convite ao Colóquio, formulado com requintes de sensibilidade e acolhimento, a partir da assertiva “*Os sinais são as evidências que permanecem sempre apontando*”. Tratando-se de analista tocada desde muito cedo pelo olhar da poesia, ficou difícil não aceder a semelhante convite:

Qualquer dia nada resta. consumou-se um crime
Ilegibilidade essencial do objecto de arte
Um leque – leque moderno, actual, contemporâneo
Um enfeixar de diferentes vozes

Celebrar, conhecer, dialogar

Disse António Aragão

E nós procuramos múltiplas experiências, antenas receptivas

Sentimos necessidade de comunicar

(COLÓQUIO, 2020, grifos nossos)

Foi por entender possível agregar nova perspectiva a esse enfeixe de diferentes vozes, prospectando possível contribuição para a feitura desse “leque moderno, actual, contemporâneo”, que resolvemos mergulhar na instigante proposta para reverenciar o centenário de Aragão. Destarte, esse parece um viés capaz de conduzir à dialogia *bakhtiniana*, referendada por afetações que há bastante tempo nos unem à poesia, à música brasileira e ao compositor Herbert Vianna, fomentando uma sinestesia com o legado aragónico, em trilha semelhante à apontada por Oliveira e Silva:

Somos seres construídos por afetos, por experiências e formas diferentes de ver o mundo. Isso resulta não apenas em múltiplas realidades, como em variados produtos dessas realidades. Filmes, fórmulas, quadros, vacinas, poemas, prédios, fotografias, armas, livros, máquinas, músicas, usinas, danças, códigos, softwares e hardwares. Todos eles estão atravessados e contaminados por nossas existências e sensibilidades. Todos eles permitem e merecem formas alternativas de análise e estudo que extrapolem a lógica da palavra escrita. (OLIVEIRA e SILVA, 2018: 55).



De acordo com BAKHTIN (2010), os gêneros do discurso são heterogêneos, abertos a uma constante diferenciação e ampliação. Para o autor, isso acontece porque todo discurso se inscreve numa rede polifônica, dialogando e se relacionando com outros discursos. Desse modo, a polifonia abre caminho para a intertextualidade, entendida como conjunto de relações entre textos. No tópico seguinte, tentaremos discorrer sobre essa dialogia entre os dois criadores em estudo.

Sinais em diálogo

A estreita relação entre poesia e música nos remete ao trovadorismo, movimento artístico inaugural da poesia europeia, conhecido, no caso peninsular, por reunir cantigas de amigo, de amor, de escárnio e de maldizer, consolidando-se como histórico hibridismo entre a linguagem poética e a musical.

Contar histórias parece condição intrínseca do humano. Trata-se de tradição com registros nas mais variadas civilizações. Através da literatura oral, foram explicados fenômenos naturais, histórias da criação, mistérios de deuses, mitos e seres fantásticos. A oralidade possibilitou a transmissão de histórias ao longo dos séculos, ampliando seu alcance e permitindo a não morrerem nos desvãos do esquecimento. Valendo-se de muita invenção e improviso, os contadores eram considerados curandeiros, líderes, guias espirituais, professores, guardiões de segredos culturais e artistas.

Essas narrativas orais espalharam-se de várias formas, através de fábulas, contos de fadas, lendas, os chamados 'contos maravilhosos', canções, poesia, e dança, fazendo lembrar a afirmação de Reynolds Price em *A palpable God* (1978): "Uma necessidade de contar e ouvir histórias é essencial à espécie *Homo sapiens* – aparentemente, é a segunda necessidade após nutrição e antes de amor e abrigo" (PRICE, 1978: 56).

Pensemos num deslocamento imaginário, o qual nos faria desembarcar na França, no século XI. Pelas tabernas e becos, uma nova figura social estava a surgir: homens a despontar por estradas e vielas a transmitir alta poesia através do som e do canto. Esses cantadores das vias públicas, conhecidos como menestréis, - espécie de repórteres de sua época, anunciando através de versos o que se passa no mundo -, criaram descendências entre poetas e músicos, reverberando a arte trovadoresca entre europeus.

Pois bem: estes artistas atuavam dançando com instrumentos musicais (lira, flauta, cítara e viola) e entoando melopeias,¹ tornando-se muito populares na Idade Média, assim como as novelas de cavalaria.

Destarte, o dado histórico ampara a instigante dialogia intuída ao ver e ler obras de Aragão, não se tratando de anomalia, mas, pelo contrário, sendo

¹ Parte musical de um recitativo.



RESPONDE AGORA A UMA NOVA SEDUÇÃO

capaz de nos transportar para Provença², onde música e poesia se entrelaçaram para, entre outros aspetos, documentar a fugacidade do tempo.

Porém, se ainda possa parecer intrigante a ligação proposta entre a obra de Vianna e Aragão, criando um imaginário diálogo d'além mar, essa sincronia afirma-se na medida pela qual nos guia o que jaz no conceito de Comunicação, “entrar em comunhão com o outro”, como afirma Távola:

Comunhão tem a mesma raiz linguística de Comunicação. Representa a integração com o Ser através de sua entrada em nós. Comunica quem entra em comunhão. Entra em comunhão quem ama. Ama quem comunica e vive a lição do Cristo. [...] Hoje a comunhão dos povos se dá através da multiplicação de circuitos eletrônicos que cobrem o mundo através de uma vasta rede de comunicação. (TÁVOLA, 1977: 115-116).

De fato, talvez seja oportuno ressaltar o quanto a obra de Aragão flui em permanente diálogo, seja com o leitor ou com seus pares, sendo ele um poeta multifário, artífice de diversas atividades, como Bruno Ministro (2019: [16]) tão bem registra ao dizer “*António Aragão dá conta da existência de uma intensa rede de comunicação transnacional quando, já no final dos anos 70, afirma o seguinte*”:

nós [poetas experimentais portugueses] criámos como que uma relação ecuménica dentro da poesia internacional. É que eu não conheço a maior parte das pessoas que me mandam poemas de toda a parte do mundo, desde brasileiros, americanos, italianos, até japoneses, etc. No entanto há uma comunicação tão grande, e nós somos essa poesia levada lá, como a deles que vem até cá. Acho isso muito interessante, na medida em que essa abertura de fronteiras não implica uma desnacionalização, nem corresponde a um nosso desenraizamento de cá. Mas ao mesmo tempo há uma fuga para além dessas fronteiras que nos têm estado sempre fechadas através dos tempos... (ARAGÃO, *apud* MINISTRO, 2019).

Nesse sentido, parece-nos providencial entender a potência entranhada na noção de comunicar, conforme define Norval Baitello Jr., em citação de Diogo Azoubel:

A essência do vínculo é o afeto, não só o positivo, o negativo também. Note que são muitas coisas que nos afetam. A presença de uma pessoa, um fenómeno natural, por exemplo, mas não necessariamente criamos vínculos com todas elas. É a partir do momento em que somos afetados por outro corpo que nasce um vínculo, essa via de muitas mãos (AZOUBEL, 2018: 63).

² Herbert Vianna tem uma música chamada Um dia em Provença, gravada pela banda “Paralamas do Sucesso”, da qual ele é o vocalista, e lançada em 1998 no disco *Hey na na*. Disponível em <https://www.cifraclub.com.br/os-paralamas-do-sucesso/um-dia-em-provenca/letra/>. Acesso em 15 jun 2021.

Outrossim, quando lembramos Portugal, a figura do poeta Fernando Pessoa sobrevém quase instantaneamente. A ele, atribui-se a utilização da célebre expressão *Navegar é preciso, viver não é preciso*, pronunciada ainda no século I A.C. pelo general romano Pompeu para marinheiros temerosos com a navegação. Identificando-se com o espírito da expressão, o poeta declara: “Quero para mim o espírito dessa frase”³. Então, nesse atalho, estabeleceu-se uma dialogia Portugal-Brasil através do compositor Caetano Veloso, responsável por inserir e reverberar a frase no imaginário popular através do fado “Argonautas”⁴, gravado em 1969 e lançado em seu conhecido “álbum branco”. Vejamos como Veloso conta sobre isso:

Tem uma música, que Bethânia me pediu para fazer em 1968, com as frases “Navegar é Preciso / Viver não é Preciso”, que ela tinha encontrado num texto de Fernando Pessoa. A frase remonta à Grécia Antiga... O Fernando Pessoa atribui aos Argonautas e eu botei o título “Os Argonautas” por causa de Fernando Pessoa. Eu fiz para ela, ela gravou e a canção tem um pouco de fado e uma frase de “Ai Mouraria”, uma citação ao fado “Ai Mouraria”. [Começa a cantar]: “Navegar é preciso,/Viver não é preciso.” Esse é bem direto, mas há muitas coisas [na minha obra] indiretamente ligadas a Portugal. (VELOSO, 2017: s.p.)

Décadas depois, é Herbert Vianna quem retoma a frase da qual Pessoa queria “o espírito” e estimula nova reflexão sobre o navegar, a partir do título da canção gravada em 1994: *Navegar impreciso*. Doravante, aventuramo-nos a embarcar por esses mares, compelida pela disposição do poeta Aragão em prospectar rupturas e descentramentos, avivando a sensibilidade para possibilidades até então impensadas, encontrando bom guia nas palavras de Rui Torres:

A intermedialidade que caracteriza os textos híbridos do experimentalismo antecipa e prevê a convergência e a interdisciplinaridade, hoje em dia convocadas pelos média e pelo próprio sistema da ciência, antecipando desse modo os fluxos e as dinâmicas que caracterizam a sociedade da informação e do conhecimento. Compreender a cibercultura que os novos média têm vindo a promover e a possibilitar passa, nesse sentido, por compreender igualmente o modo como António Aragão utilizou e apropriou variados dispositivos tecnológicos, deformando-os, desviando o seu uso habitual, criando nos leitores um sentido agudo de estranhamento. (TORRES, 2015: 9)

³ Ver fragmento textual que Maria Aliete Galhoz atribui a Pessoa e intitula “Palavras de Pórtico”, na introdução à edição de *Fernando Pessoa - Obra Completa* (GALHOZ, 1960: XIII). A afirmação “navegar é preciso, viver não é preciso” reencontra-se também no *Livro do Desassossego* (cf. https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr367/inter/Fr367_WIT_ED_CRIT_P).

⁴ Composição de Caetano Veloso, com o ritmo do fado, em homenagem à cultura portuguesa, ao mar e à mítica viagem dos Argonautas comandados por Jasão [em metáfora aos navegadores portugueses]. Ver mais em <http://portugal-mundo.blogspot.com/2011/10/os-argonautas-de-caetano-veloso.html>. Acesso em 17 jun 2021.



RESPONDE AGORA A UMA NOVA SEDUÇÃO

Assim sendo, reafirmamos: este estudo parte da clarividência do caráter genuíno e plural da atividade de Aragão, afeito constantemente a novos diálogos, como manifesto por ele mesmo em tantos registros. É essa a inspiração mobilizadora, ao mesmo tempo nutrida pelo caráter experimental que tangencia a produção de Aragão e Vianna, o qual não se depreende apenas em formas ou conteúdos, mas também, e sobretudo, nos imaginários instituídos por essas obras.

A experimentação como fonte

Antônio Manuel de Sousa Aragão Mendes Correia foi uma das mais notáveis figuras da Cultura portuguesa do século XX. Consta também de sua proficiente trajetória recolhidas de música tradicional da Madeira e Porto Santo. Voltamos a Rui Torres:

Antônio Aragão explora nas suas obras um conjunto variado de técnicas expressivas, tanto ao nível semântico quanto ao nível da topologia da página, que são fundamentais para entender as cibertextualidades emergentes: a sua obra joga-se na superação dos limites da teorização dos géneros, transgredindo convenções dominantes, cruzando meios, investindo num sentido agudo da materialidade multisignifica. (TORRES, 2015: 9)

Considerado “um dos mais activos intervenientes do Experimentalismo português” (SOUSA e RIBEIRO 2004: 348), Aragão partiu em 2008, deixando legado que avulta em múltiplas expressões artísticas, tendo sido um dos precursores da Poesia Experimental em Portugal no início dos anos 60. Por essa vertente, bem como através da pintura, detectam-se simetrias entre sua maneira de traduzir o que vê no mundo e a obra literomusical do compositor brasileiro Herbert Vianna.

Ao destacar de Aragão “a fulminante consciência crítica, bem como a sua relação com o meio social”, Rui Torres (2015: 9), no texto de apresentação da revista *Cibertextualidades*, nos mostra mais um ponto de confluência entre a arte do criador português e a produção musical de Herbert Vianna, um artista em quem é notória a consciência crítica e a preocupação com o social, “dono de cancionero entranhado na memória afetiva do Brasil” (FERREIRA, 2020: s.p.), como atestam diversas análises e textos publicados na imprensa, conforme exemplificado a seguir:

As canções do artista têm assinatura pessoal e intransferível que atesta a originalidade de obra [...]. Dentro dessa obra, pautada tanto pela crítica social como pelas abordagens de questões amorosas, salta aos ouvidos a beleza melódica e poética de baladas embebidas em dilemas afetivos e existenciais. *Caleidoscópio* (1987), *Derretendo satélites* (1998, com Paula Toller), *Lanterna dos afogados* (1989), *Meu erro* (1984 – rock que Zizi Possi teve a inteligência de reapre-



sentar em 1989 como canção), *Nada por mim* (1985, com Paula Toller), *Quase um segundo* (1988) e *Se eu não te amasse tanto assim* (1999, com Paulo Sérgio Valle) estão entre o que de melhor foi produzido no Brasil nesse gênero de canção pop romântica. (FERREIRA, 2020: s.p., grifos nossos)

A multiplicidade sígnica apontada por tantos estudiosos na criação aragônica, já citada anteriormente, favorece a percepção de rastros do escultor da Madeira imbricados na poética da canção *Navegar impreciso* (1994), sendo ele próprio quem avaliza este estudo ao declarar: “O artista apenas oferece uma estrutura, expõe uma base, uma matriz, e deixa o resto ao acaso das intervenções” (ARAGÃO, 1965: s.p.). Ou seja, as dialogias e intertextualidades aqui relatadas (Pessoa, Veloso, Aragão e Vianna) referendam a trilha aberta e defendida por Aragão ainda na década de 1960:

Intervir é possuir. As coisas que um faz pertencem a todos. Todos se comprometem nelas, usando-as e intervindo, tornando-as mais suas, indefinidamente. Existe um desejo inconcebível de abrir todas as portas. Os nossos olhos escutam o som dos nossos passos. À ordem lógica contrapõe-se a desordem da imaginação. (ARAGÃO, 1965: s.p.)

Seguindo nessa linha, o que Aragão expressou com clareza de detalhes e legou para a posteridade foi a essência do caráter experimental das produções artísticas – as quais, já nos idos de 1960, ele sentia como aptas a mediações públicas, favoráveis à interação, propensas a um movimento de troca, enriquecedor para o artista, a obra e o espectador: “A intervenção no objecto dado ou criado proposta ao fruidor pelo artista oferece uma visão dinâmica da arte e revela um outro lado pouco comum” (ARAGÃO, 1965: s.p.). Seu entendimento delegava à poética experimental o sentido de convite à interseção, ao diálogo, à não passividade de quem experienciava, aberto a interferências porque se tratavam de “obras de movimento onde cada fruição jamais resulta igual a si mesma” (ARAGÃO, 1965: s.p.).

A análise aqui desenvolvida, portanto, é de uma fruidora, a enveredar por “novos campos de possibilidade”, entendendo ser “permitido que a sua imaginação passe de espelho receptivo a operante”, porque “Todos podem intervir e sentir-se no acto da intervenção através de outros processos, visuais e auditivos, onde a polivalência e a ambiguidade atingem elevado nível” (ARAGÃO, 1965: s.p.).

Vejamos, por exemplo, a arte de Aragão em “Agora é suspeito haver rosas” (1992), capaz de instigar imediata vinculação com criações de Vianna por dois caminhos: o primeiro refere-se à capa do disco *Hey na na* (1998), criada pelo artista plástico carioca Jorge Velloso Borges Leão Teixeira, conhecido como Barrão; o segundo nos traz a música *Se eu não te amasse tanto assim* (1999), cuja letra destaca a beleza das flores e pressagia “as estrelas dão um sinal”.

A canção, de autoria de Herbert Vianna e Paulo Sérgio Valle, composta



RESPONDE AGORA A UMA NOVA SEDUÇÃO

especialmente para o primeiro álbum da cantora baiana Ivete Sangalo (lançado em 1999), alcançou o topo do *Hot 100 Brasil* e foi a mais tocada no ano 2000,⁵ chegando a ganhar versão em espanhol - *Si yo no te amase tanto así* -, lançada em 2006. Vejamos a letra:

Meu coração, sem direção
Voando só por voar
Sem saber onde chegar
Sonhando em te encontrar
E as estrelas
Que hoje eu descobri
No seu olhar
As estrelas vão me guiar
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração
Hoje eu sei, eu te amei
No vento de um temporal
Mas fui mais, muito além
Do tempo do vendaval
Nos desejos, num beijo
Que eu jamais provei igual
E as estrelas dão um sinal

Esses versos, assinalados em negrito, de pronto nos remetem ao título *Agora é suspeito haver rosas*. Este faz parte de um conjunto de pinturas produzidas por Aragão nos anos de 1990, as quais integram a série “Os Monstros”. Essa coleção é formada por quadros de técnica mista, retomando estratégias exploradas pelo poeta ainda nos primórdios de sua produção (como a colagem, por exemplo).

Para além disso, essas obras aragônicas, nas quais enxergamos afinidade com o viés experimentalista da produção de Herbert Vianna, constituem-se como crítica à hipocrisia dominante na sociedade urbana. Havendo comentário análogo no disco *Severino* (no qual está a canção em estudo), e pelo indício de suspeição da existência de rosas, também nos conectamos

⁵ Espécie de tabela musical, publicada semanalmente pela *Crowley Broadcast Analysis*. A lista compreende as cem canções mais executadas em estações de rádio do Brasil, a partir de dados recolhidos pela *Crowley*, formulados pela grade de cidades da companhia. Ver em <https://topbrasil100.com.br/>. Acesso em 15 jun 2021.



aos versos de VIANNA (1994) – cantados em parceria com Tom Zé⁶, que diz a letra como *rap*⁷ - em “Navegar impreciso”:⁸

A pátria-avó se volta sem memória
De todos estes anos de amor
Um amor sem beijo e sem resposta
Responde agora a uma nova sedução
Teus Joaquins, teus açougueiros, filhos de uma mãe-avó
Os bons e os maus tratos que te dei
Sucumbem com tamancos, camisetas sob a lei
Que ouviste a nova-velha Europa a te ditar
E voltas tuas costas para mim
Voltas tuas costas para o mar
Pras tuas conquistas, pro teu navegar
Pra tua cruz de malta sobre o azul
Um dia foste forte e generosa
Mas hoje tua memória não tem sul
Não é porque já não se usa navegar
E nem é por tua idade, eterna sois
Mas nunca mais a nossa velha intimidade
O sabor inigualável dos teus pães.

A música é a segunda do disco *Severino* (1994), álbum que não agradou muito nem ao público nem à crítica especializada, sendo o trabalho de mais forte teor experimental da banda *Paralamas do sucesso*, da qual Herbert Vianna é o vocalista e principal liderança. Hoje, passados 27 anos de seu lançamento, o disco virou produto *cult* e é celebrado por estudiosos e colecionadores, tendo sido relançado em 2019. Vejamos uma análise sobre a obra:

Severino não é um disco que agrada muito em uma primeira audição, não tem o mesmo suíngue dos outros trabalhos dos Paralamas, e, por isso, assustaria até mesmo um fã desavisado do trio. O álbum tem como principal característica uma sonoridade no mínimo exótica, marcada com a inserção de instrumentos não convencionais como cano de PVC, latão de óleo, serrote e outros. Também conta com as participações especiais de Tom Zé, Linton Kwesi Johnson, Fito Paez, Brian May, Egberto Gismont e Reggae Philharmonic Orchestra. (CASTRO, 2008: s.p.)

⁶ Tom Zé é figura importante do movimento musical conhecido como *Tropicália* e canta *Navegar impreciso* ao lado do poeta e cantor jamaicano Linton Kwesi Johnson. Matéria disponível em <https://jornaldebrasil.com.br/entretenimento/musica/universal-music-lanca-reedicao-do-classico-album-severino-dos-paralamas-do-sucesso/>. Acesso em 17 jun 2021.

⁷ *Rap* é um estilo musical basicamente rítmico, com falas rimadas, sendo parte importante da cultura *hip-hop*. Saiba mais em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/rap/482331>. Acesso em 17 jun 2021.

⁸ A música pode ser ouvida em <https://www.youtube.com/watch?v=DjTXhKu5B0Y>. Acesso em 17 jun 2021.



Capa do disco *Hey na na* (1998) com obra do artista plástico Barão. (<http://www.osparalamas.com.br/discografia-paralamas/>).

Nessas dialogias/semelhanças que nos interpelam ao *verouvir*⁹ as obras de Aragão e Vianna, muitos imaginários afloram. Veremos isso no tópico seguinte.

Imaginários como matriz

Aprendemos com Juremir Machado que “Pesquisar é fazer emergir algo que não aparece à primeira vista”. Para ele,

O imaginário surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros. Nesse sentido, o imaginário é sempre uma biografia, uma história de vida. Trata-se de uma memória afetiva somada a um capital cultural. [...] O imaginário é um reservatório afetivo de imagens, de onde cada um retira o combustível para as suas motivações, e um motor. (MACHADO, 2012: 57, 67).

A partir desta perspectiva, entende-se o quanto os pontos de enlace entre a expressão poética de Aragão e a de Herbert Vianna também são perpassados por instigantes matrizes discursivas, pelas quais afloram o gosto pela inventividade, o impulso à criticidade e a busca de novos atalhos. Ade-

⁹ Neologismo muito usado pelo cronista Artur da Távola em suas crônicas da década de 1980.



RESPONDE AGORA A UMA NOVA SEDUÇÃO

mais, Aragão e Vianna trilham percursos paralelos no vigor experimental, prospectando uma dialogia na qual “O finito da comunicação é abafado pelo infinito plurivalente das formas” (ARAGÃO, 1965: s.p.).

Para demarcar essas possibilidades, as Tecnologias do Imaginário indicadas por Machado (2012) são fundamentais. Essa metodologia indica três passos a seguir, divididos em estranhamento, entranhamento e desvelamento. Ou seja: primeiro, o objeto sugere uma espécie de estranhamento para quem o observa. No nosso caso, o estranhamento se deu num sentido figurado, pois nos parecia latente uma aproximação sensorial entre ambos. Partimos então à etapa seguinte, o mergulho no contexto das obras e sua potência discursiva: nesse item, diversas interpretações afloram, sobretudo porque envolvem empatia, subjetividade, crítica social e novos experimentos. Por fim, chega-se à iluminação, ao desvelamento da produção de sentidos despertados pelas obras dos dois artistas.

Ademais, ao enxergar a poesia como “respiração do mundo”, Antônio Aragão arremata o que já evidenciamos anteriormente:

Através de outros processos, visuais e auditivos, onde a polivalência e a ambiguidade atingem elevado nível, são abertos novos campos de possibilidade. Uma poesia experimental, visual, verbal, tátil ou auditiva, essa poesia saída das máquinas ou dos jornais, não admitem fronteiras para o espírito nem desprezam qualquer técnica para o seu conseqüimento. (ARAGÃO, 1965: s.p.).

Fátima Pitta Dionísio contribui com esse entendimento:

No ensaio crítico “o público e as novas morfologias” (Búzio, 1956), Aragão chama-va já a atenção dos demais criadores para a **necessidade de encontrarem novos caminhos para as artes, rompendo definitivamente com os modelos de escrita tradicionais**. Daí ao experimentalismo foi um passo. Nele estava prestes a operar-se a transformação da poesia num puro ato experimental, ato esse que serviria para intervir social e politicamente contra o *status quo*. Aragão acreditava firmemente no poder transformador da arte, de toda a arte, a qual, sendo revolucionária, acabaria finalmente por ser aceite. (DIONÍSIO, 2015: 137, grifos nossos)

A partir dessa visão instigante do poeta da Madeira¹⁰, encontramos terreno fértil para descortinar similaridades entre o que pensava/poetizava Aragão e o que sente/canta o poeta brasileiro Herbert Vianna.

É essa aventura artística, a qual flagramos entre o improvável e o possível, o assunto da próxima secção.

¹⁰ Ver mais sobre o legado de Antônio Aragão. Disponível em <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/margem2-homenagem-antonio-aragao-conteudos/>. Acesso em 05 mai 2022.



Criando atos poéticos

Ao observarmos a obra multiforme de Ant3nio Arag3o, logo percebemos a for7a do seu discurso, seja visual ou verbal, a qual se confirma pelas palavras de F3tima Dion3sio:

A.A. foi um escritor intemporal tendo transitado, nos anos 50, das experi4ncias modernistas de *Arquip4lago* e de *B3zio* para o concretismo e, j3 mais perto dos anos 60, para o experimentalismo no qual se afirmou, ao lado de Ernesto de Melo e Castro e Ana Hatherly, entre outros, como um expoente m3ximo. Defendendo um conceito de poesia experimental Ant3nio Arag3o logrou realizar uma arte que, vencendo todas as barreiras, se imp3s definitivamente junto dos cr3ticos e dos leitores. Tido por “um dos mais activos intervenientes do Experimentalismo portugu4s”, o seu estro consumou-se em v3rias experi4ncias po4ticas. Soube, como poucos, aliar a poesia 3s restantes artes construindo um edif3cio po4tico singular (DION3SIO, 2015: 137).

Nesse aspecto, um texto de Arag3o assume car3ter lapidar:

Hoje o fruidor, o comum dos homens, o denominado p3blico, em frente de certos objectos art3sticos, deixa de lado a c3moda ou inc3moda posi73o est3tica de simples receptor de sensa73es e passa a actuar como interveniente, como elemento activo, participante, como provocador das suas pr3prias emo73es. Ele j3 n3o necessita apenas. Necessita-se. J3 n3o est3 em frente munido somente da sua antena receptiva, mas, pelo contr3rio, prolonga-se, estende-se, projecta tamb3m os seus dados, joga o seu prazer. Por seu lado, o artista deixou de ser o isolado, o solit3rio, o bruxo exilado na cl3ssica torre de marfim e mist3rio, para descobrir o seu jogo, oferecer os seus segredos, exhibir os seus truques, pedindo em troca que os outros desvendem os seus e se descubram. (ARAG3O, 1965: s.p.)

Entre os entrelaces aqui estudados, cabe retomar tamb3m o quadro (t3cnica mista) “Agora 3 suspeito haver rosas” (1992), pelo qual de pronto fomos afetados porque a visualidade da obra e seu t3tulo nos remetem a outra cria73o de Herbert Vianna, citada anteriormente. Trata-se da can73o “Se eu n3o te amasse tanto assim”, na qual o m3sico entoia “Talvez n3o visse flores dentro de mim”. Em vista disso, se a letra tem um verso a nos afetar pelo invis3vel trazido pelos imagin3rios, a pintura de Arag3o dialoga com obras de arte experimental presentes no encarte do disco *Hey na na*.



RESPONDE AGORA A UMA NOVA SEDUÇÃO



A outra nau catrineta (1992), mais uma imagem que remete ao álbum musical paralâmico, *Hey na na* (1994). (Fonte: <https://www.aragao.org/2010/04/antonio-aragao-pelo-olhar-do-prof.html>, 10 abril 2010)



Agora é suspeito haver rosas (Fonte: <https://www.aragao.org/2010/04/antonio-aragao-pelo-olhar-do-prof.html>, 10 abril 2010)



Considerações finais

Esperamos com esta análise ter contribuído para enfatizar o quão o emérito poeta da Madeira, o saudoso António Aragão (1921-2008), cujo centenário se celebrou em 2021, influenciou (e continua influenciando) artistas, poetas e pensadores, assim como ricos traços de sua poesia experimental, de sua pintura e do que dele ficou entre os pesquisadores dedicados a estudar sua obra marcaram esta pesquisadora, que enxergou na trajetória de um artista brasileiro pontos de intersecção com a práxis aragónica.

Embora os dois criadores não se tenham conhecido, acreditamos ter demonstrado as predisposições e sensibilidades a unir os dois, capazes de autenticar a força do imaginário e homologar um subjetivo dialogismo entre uma e outra figura.

Esse rasto de interlocução nos parece corroborar um dos vestígios mais cristalinos de Aragão, como ressaltado na proposição do colóquio em homenagem ao centenário do poeta: o de ser um “provocador e agitador de ideias, ensinando com seu espírito crítico a importância de desviar das normas”, dos padrões estabelecidos e, por que não dizer, do banal, do ordinário? Sim, porque uma prova nos parece bem clara: se há uma coisa para a qual Aragão não contribuiu foi para proliferar o óbvio, o corriqueiro, a mesmice, assim como o espírito de dinâmica interpretativa está bem assente em suas criações.

Mais ainda, por tudo quanto lemos, vimos e ouvimos sobre o multimodo criador português, é mister asseverar o quanto a celebração deste centenário se reveste de meritória relevância, tendo em vista o quanto o acréscimo temporal soma para a acuidade da prolífica contribuição aragónica nas mais diversas áreas, nas quais atuou com reconhecida mestria. Assim, fica para nós, aragónicos aprendizes, a convicção do quão a obra de António Aragão se agiganta com o passar das épocas porque ancorada na interlocução, no compartilhar e no experimentalismo, adversa à rigidez, distante de padrões normativos, avessa do conhecido, contrária ao prosaico, indissociada da monotonia.

Referências bibliográficas

ARAGÃO, António (1965), “Intervenção e movimento”, *Jornal do Fundão*, suplemento Poesia Experimental, org. António Aragão e E. M. de Melo e Castro, Fundão: s.n. Disponível em <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/antonio-aragao-intervencao-e-movimento/>. Acesso em 04 mai 2022.

AZUBEL, Diogo (2018), “Comunicação como vínculo: o afeto na visualidade a partir das reflexões de Norval Baitello Jr.”, *Afetos em narrativas*, vol 1, São Paulo: Editoras Jogo de Palavras e Provocare, pp. 58-75.

BAKHTIN, Mikhail (2010), “Os gêneros do discurso”, *Estética da criação verbal*, 5.ed., São Paulo: Editora WMF Martins, pp. 261-306.

CANTIGAS MEDIEVAIS GALEGO-PORTUGUESAS. Disponível em <https://cantigas.fcsh.unl.pt/sobreascantigas.asp>. Acesso em 18 mai 2022.

CASTRO, Penha de (2008) “Severino, uma análise estética”, *Overmundo*, 28 abr. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/severino-paralamas1994-uma-analise-estetica>. Acesso em 05 mai 2022.

COLÓQUIO Multiplicidade da experiência. António Aragão (1921-2008), antena receptiva. Porto e Madeira: 2021. Disponível em <https://po-ex.net/antonioaragao2021/coloquio/>. Acesso em 18 mai. 2022.

DIONÍSIO, Fátima Pitta (2015), “António Aragão: a poesia como ato experimental” *Cibertextualidades: estudos sobre António Aragão*, n.º 7 Porto: edições Universidade Fernando Pessoa, pp. 135-138.

FERREIRA, Mauro (2020), “Herbert Vianna faz jus ao prêmio que ganha em outubro pelo conjunto da obra como compositor”, Coluna do jornalista Mauro Ferreira, jornal *O Globo*. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2020/09/29/herbert-vianna-faz-jus-ao-premio-que-ganha-em-outubro-pelo-conjunto-da-obra-como-compositor.ghtml>. Acesso em 05 mai 2022.

GALHOZ, Maria Aliete (1960), “Fernando Pessoa, Encontro de Poesia”, *Fernando Pessoa - Obra Poética*, org. Maria Aliete Galhoz, São Paulo: Editora José Aguilar Ltda., pp. [XIII]-[XIX].

HATHERLY, Ana (1995), “A casa das musas. Uma releitura crítica da tradição”, Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

JOLY, Martine (2002), *A imagem e a sua interpretação*, Lisboa: Edições 70.

MACHADO, Juremir (2010), *O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES - Análise Discursiva de Imaginários (ADI)*, Porto Alegre: Editora Sulina.

MACHADO, Juremir (2012), *Tecnologias do imaginário*, 3ª ed., Porto Alegre: Editora Sulina.

MINISTRO, Bruno (2019), “Poesia Experimental Portuguesa: Confluência, Encontro, Rede”, *Materialidades da Literatura*. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/matlit/article/view/2182-8830_7-1_1/5751. Acesso em 05 mai 2022.

MINISTRO, Bruno. Poesia Experimental Portuguesa: Confluência, Encontro, Rede. In *Materialidades da Literatura*. Universidade de Coimbra, 2019. Disponível em https://impactum-journals.uc.pt/matlit/article/view/2182-8830_7-1_1/5751. Acesso em 18 mai 2022.

OLIVEIRA, Raquel Assunção, SILVA, Eduardo Duarte Gomes da (2018), “Afetos, hibridismos e contaminações entre as ciências e as artes”, *Afetos em Narrativas*, vol. 1, São Paulo: editoras Jogo de Palavras e Provocare.



PRICE, Reynolds (1985), *A Palpable God: Thirty Stories Translated from the Bible With an Essay on the Origins and Life of Narrative*, New York: North Point Pr.

SOUSA, C. M. de & E. RIBEIRO, orgs. (2004), *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa, Anos 60 – Anos 80*, Coimbra: Angelus Novus.

TÁVOLA, Artur da (1977), *Mevitevendo*, Rio de Janeiro: editora Salamandra.

TORRES, Rui, (2015), “Introdução do Organizador”, *Cibertextualidades: estudos sobre António Aragão*, n.º 7, Porto: edições Universidade Fernando Pessoa, pp. 7-10.

VELOSO, Caetano (2017), “A presença da cultura portuguesa está nas minhas canções”, *Observador*, entrevista conduzida por Sara Otto Coelho, 24 abr. Disponível em <https://observador.pt/2017/04/24/caetano-veloso-a-presenca-da-cultura-portuguesa-esta-nas-minhas-cancoes/>

VIANNA, Herbert (s.d.) “‘Severino’, o disco tropicalista dos Paralamas do Sucesso”, *Dark Horse*. Disponível em <https://darkhorse787.wordpress.com/2017/08/11/severino-o-disco-tropicalista-dos-paralamas-do-sucesso/> Acesso em 05 mai 2022.

